

LIBRO DE ACTAS

6º Foro Iberoamericano sobre Literacidad y Aprendizaje

Universidad Complutense de Madrid
3-6 Julio, 2017



Organizado por:



Junto a:



Con el patrocinio de:



Dan su apoyo:



6º FORO IBEROAMERICANO SOBRE *LITERACIDAD* Y APRENDIZAJE

“Trabajando juntos para fomentar la equidad a través de
comunidades de lectores y escritores: un reto para el Siglo XXI”

Universidad Complutense de Madrid

3-6 Julio, 2017

LIBRO DE ACTAS

Organizado por:

AELE, Asociación Española de Lectura y Escritura

Grupo de Investigación de la UCM (Universidad Complutense de Madrid) “Estudios sobre Comunicación y Lenguajes para la Inclusión y la Equidad Educativa”– ECOLE

Fundación SM

En cooperación
con:

A LITTERA, Associação Portuguesa para a Literacia, Portugal

Consejo Puebla de Lectura, México

CEALE, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita de la Universidad Federal de Minas Gerais, Brasil

COMITÉ ORGANIZADOR

Presidenta:	Estela D'Angelo Menéndez (AELE and UCM)
Secretarias:	Laura Benítez Sastre (AELE and UCM) Rosa Sobrino Callejo (AELE and UCM)
Asociación Española de Lectura y Escritura (AELE) y Grupo de Investigación de la UCM (Universidad Complutense de Madrid) "Estudios sobre Comunicación y Lenguajes para la Inclusión y la Equidad Educativa" (ECOLE) - ESPAÑA	María Teresa Acosta Tejera (AELE) Tamara Alía Prieto (AELE) Nerea Calvo Periañez (AELE and UCM) Carmen Cuesta Ruiz (AELE) María Cruz Delgado Almansa (AELE) María Domínguez Márquez (AELE) Jaime García Solana (UCM) José Gómez Cámbara (AELE) Sara Gómez Martínez (AELE) Inmaculada González González (AELE) Valentín Gonzalo Muñoz (UCM) Piedad Izquierdo Delgado (AELE) Verónica Martín Soler (AELE) María Ángeles Martínez del Brío (AELE) Ángeles Medina de la Maza (AELE) Héctor Molero Lombarte (AELE and UCM) Sandra Pérez Martín (AELE and UCM) Juana Portugal Pardo (AELE and UCM) Lara Rodríguez García (AELE and UCM) María del Carmen Romera López (AELE) María Soledad Ros Romero (AELE and UCM) Belén Sáenz-Rico de Santiago (UCM) María Sainz Martín (AELE and UCM) Ana Tobaruela Pérez (AELE)
Fundación SM - ESPAÑA	Javier Palop Sancho José María González Ochoa Teresa Tellechea Mora
Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) – BRASIL	Francisca Izabel Pereira Maciel
Consejo Puebla de Lectura - MÉXICO	Daniel Ramos García Alma Carrasco Altamirano Guadalupe López Hernández Verónica Macías Andere
Associação Portuguesa para a Literacia (Littera) - PORTUGAL	Associação Portuguesa para a Literacia (Littera) - PORTUGAL

Estos eventos se desarrollan con el apoyo logístico del alumnado de la UCM que se detalla a continuación:



- Aires: Especialidad en Lectura, Escritura y Educación, FLACSO.
- Hall, S. & Du Gay, P. (2003) *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu Editores
- Kohan, Martín (2010) *Notas sobre el canon*. Buenos Aires: Especialidad en Lectura, Escritura y Educación, FLACSO.
- Lotito, L (2010) *La lectura. Textos, lectores, prácticas y enseñanza de la lectura*. Buenos Aires: Especialidad en Lectura, Escritura y Educación, FLACSO.
- Maite Alvarado (coordinadora) (2001) *Entre Líneas. Teorías y enfoques en la enseñanza de la escritura, la gramática y la literatura*. Buenos Aires: Especialidad en Lectura, Escritura y Educación, FLACSO.
- Pampillo, G. (1999). *El relato: ser fiel a la historia. En Permítame contarle una historia*. Buenos Aires: Eudeba
- Sarlo Beatriz (compiladora) (1981) *El mundo de Roland Barthes*. Buenos Aires: Cátedra.
- Rodari, Gianni (1997) *Gramática de la fantasía. Introducción al arte de inventar historias*. Buenos Aires: Colección Nuevos Caminos: Ediciones Colihue.
- Rulfo, Juan (1953) *El llano en llamas*. México: Fondo de C. Económica.

Entre nuvens e estrelas: o contributo do álbum narrativo para a motivação para a leitura

Dulce Melão. Escola Superior de Educação de Viseu – Instituto Politécnico de Viseu (PORTUGAL)

PALAVRAS-CHAVE: álbum narrativo; motivação para a leitura; ilustração; literacia emergente.

RESUMO:

O álbum narrativo tem sido valorizado, de forma crescente, sendo sublinhado o seu contributo para a motivação para a leitura, no que respeita a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Na literatura de especialidade são igualmente realçadas a diversidade e a riqueza propiciadas pelo modo como o texto e as ilustrações dialogam, aspeto particularmente explorado no álbum narrativo, favorecendo percursos que podem contribuir para a redescoberta do prazer da leitura. Face ao exposto, temos como objetivo refletir sobre as potencialidades do álbum narrativo, em suporte impresso, destacando os modos como a



interdependência entre a ilustração e o texto, em harmoniosa aliança com outros elementos paratextuais, podem potenciar o gosto pela leitura. A nossa abordagem centra-se em dois álbuns narrativos: *Como apanhar uma estrela* (2013), de Oliver Jeffers e *Dançar nas nuvens*, de Vanina Starkoff (2010), integrados no Plano Nacional de Leitura em Portugal, ambos recomendados para a Educação Pré-Escolar (destinados à leitura em voz alta). Concluimos que estes álbuns narrativos, pelo modo particular como entrelaçam as ilustrações e o texto, podem estimular as crianças a desenvolver o gosto pela leitura, constituindo matéria-prima fundamental para a (re)construção do seu perfil de leitor, no âmbito do desenvolvimento de práticas de literacia mais alargadas.

“Não se pode guardar uma estrela. O seu lugar é no meio de constelações e nuvens, onde o sonho a protege.”
(Júdice, 2008, p. 51)

INTRODUÇÃO:

É reconhecida a importância atual do álbum narrativo no âmbito de práticas de leitura em contexto familiar e em contexto escolar que potenciem a motivação para a leitura (Baird, Laugharne & Tønnessen, 2016, Chou & Cheng, 2015), nomeadamente pela complementaridade entre texto e imagem, de cuja interação podem germinar relações profícuas a partir da rede de sentidos proporcionada pelo diálogo da componente visual com a textual (Nikolajeva, 2010; Pereira, 2016).

Em Portugal, a conjugação de múltiplos fatores tem contribuído para que o álbum narrativo ganhe relevo. Destacamos alguns, por nos parecer que merecem mais atenção: i) o investimento das editoras no seu incremento em qualidade e em diversidade; ii) a sua presença, crescente, no âmbito do Plano Nacional de Leitura (PNL); iii) a realização de trabalhos, de foro académico, resultantes da investigação levada a cabo no 2.º e 3.º ciclos de Bolonha, em instituições do ensino superior em Portugal; iv) a revisão recente de documentos curriculares que norteiam as práticas educativas na Educação Pré-Escolar e no Ensino Básico. Referir-nos-emos, em seguida, sinteticamente, a cada um dos aspetos mencionados.

No que respeita ao investimento editorial, projetos muito diversificados têm contribuído para conferir maior visibilidade ao álbum narrativo, oferecendo múltiplas possibilidades de fruição aos leitores mais novos, em particular, e a todos quantos partilham do amor pela leitura, em geral.



Constituem bom exemplos de tal oferta as editoras Portuguesas Planeta Tangerina, Minutos de Leitura, Trinta por uma Linha, Bruaá, OQO e Pato Lógico, entre outras. A Kalandraka, com raízes na Galiza, tem também apresentado álbuns narrativos de cuidadosa conceção gráfica, deleitando os leitores.

O Plano Nacional de Leitura publica, em Portugal, com revisão anual, listas de obras contemplando a «Leitura em voz alta», a «Educação pré-escolar», a «Leitura orientada na sala de aula», a «Leitura autónoma», entre outras, conferindo algum destaque ao livro-álbum para as primeiras idades. Inclui, também, um conjunto de objetivos norteadores de práticas de leitura que podem contribuir para potenciar o envolvimento feliz da Escola e da família, no que respeita à (re)descoberta do álbum narrativo.

Investigação realizada, em Portugal, no âmbito de mestrados em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico tem igualmente focado a atenção no contributo do álbum narrativo para formação de leitores, associando-lhe uma panóplia de dimensões que atravessam a motivação para a leitura (por exemplo, Pereira, Melão & Balula, 2016; Rodrigues, 2012). Trabalhos de maior fôlego, para a obtenção grau de doutor, constituem igualmente excelentes exemplos da vitalidade crescente do álbum narrativo (por exemplo, Rodrigues, 2013; Sotto Mayor, 2016).

As recentemente revistas *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016a) merecem, igualmente, reparo. Embora não haja uma menção explícita ao livro-álbum, em geral, ou ao álbum narrativo, em particular, é frisada a importância do contacto com o livro para a «descoberta» do prazer da leitura e para o desenvolvimento da sensibilidade estética, sendo feita uma breve menção aos «livros de literatura para a infância, em prosa e em verso» (Silva et al., 2016a, p. 71), implicando a mediação por parte do educador/da educadora. Adicionalmente entendeu-se como relevante destacar «(...) uma componente especificamente ligada a atitudes, respetivamente “Prazer e motivação para ler e escrever” (...) para retirar o carácter escolarizante que por vezes se associa a estas aprendizagens» (Silva, Marques, Mata & Rosa, 2016b, p. 13).

À semelhança de Ibarra-Rius e Ballester-Roca (2016), consideramos que

En los primeros años de la educación literaria de la persona resulta



fundamental el papel de la literatura infantil y juvenil en la formación del futuro adulto lector, esto es, adultos con la competencia literaria adquirida o en proceso de construcción constante, pues en estas primeras etapas se produce una estrecha correspondencia entre el proceso de construcción del sentido que tiene lugar con la comunicación literaria con el de la construcción de la personalidad del lector. (Ibarra-Rius & Ballester-Roca, 2016, p. 82)

OBJETIVOS:

O principal objetivo que norteia o nosso trabalho é refletir sobre as potencialidades do álbum narrativo, em suporte impresso, destacando os modos como a interdependência entre a ilustração e o texto podem potenciar o gosto pela leitura. Adicionalmente, procuraremos investigar de que forma a exploração dos elementos paratextuais, entendidos na sua globalidade (Genette, 1987), contribuem para a redefinição das etapas da pré-leitura, da leitura e da pós-leitura, em generosa aliança com o texto (e, desejavelmente, complementam práticas de literacia familiar preexistentes).

No intuito de cumprir tais objetivos, a nossa análise contemplará dois álbuns narrativos: *Como apanhar uma estrela* (2013), de Oliver Jeffers (*How to catch a star*, edição original publicada em 2004), e *Dançar nas nuvens* (2010), de Vanina Starkoff (*Bailar en las nubes*), integrados no Plano Nacional de Leitura em Portugal e recomendados para a Educação Pré-Escolar (destinados à leitura em voz alta). Estes dois álbuns têm igualmente em comum o facto de terem sido traduzidos para português (por Rui Lopes e por Ana M. Noronha, respetivamente) e de estabelecerem uma relação intrínseca e particularmente significativa entre o texto e a imagem, exigindo uma participação muito ativa dos leitores, aspeto reconhecido como relevante para o incremento da fruição na leitura (Enéas & Azevedo, 2014; Fajardo, 2014).

DESCRIÇÃO:

O relevo da componente ilustrativa dos álbuns que são objeto da nossa reflexão é destacado, numa primeira instância, pelas distinções que receberam. *Dançar nas nuvens* foi finalista do III Prémio Internacional Compostela 2010 para álbuns ilustrados (aspeto frisado, aliás, na capa do álbum) e *Como apanhar uma estrela* recebeu, em 2005, o CBI *Bisto Merit Award* (prémio anual atribuído, na Irlanda, a escritores e a ilustradores de livros para crianças). Importa frisar que Oliver Jeffers e Vanina Starkoff conciliam a autoria do texto com a da ilustração, o que favorece as diferentes formas de diálogo que estabelecem e que privilegiam entre



ambas, como procuraremos mostrar ao longo da nossa análise.

Dançar nas nuvens

Dançar nas nuvens, integrado na coleção «Livros para sonhar», convida os leitores a partilhar o sonho de uma menina que quer dançar nas nuvens. Tal desejo vai gerar, ao longo da narrativa, o crescimento de uma comunidade na qual se vai entretecendo o sonho da menina, possibilitando aos leitores mergulhar num universo polvilhado de cores e de sabores que redimensionam tal sonho, alimentando, a par e passo, a sua curiosidade.

Publicado pela Kalandraka em 2010, este álbum anuncia, a partir da capa, o caráter insólito da narrativa a descobrir, pelo protagonismo visual atribuído ao conjunto de casas sobrepostas apresentadas (de dimensões e aspeto invulgares, sendo privilegiadas as cores vivas), contrastando com vulnerabilidade da personagem principal da história, cujo desejo de dançar nas nuvens é antecipado pelo seu posicionamento, no cimo da última habitação, quase a tocar o título. A capa e a contracapa constituem, aliás, um todo indissociável, porquanto a segunda é uma extensão da primeira, possibilitando antecipar o destaque conferido à representação espacial no interior do álbum, bem como a excepcional riqueza da paleta cromática selecionada.

O investimento nos elementos paratextuais iniciais tem continuidade nas guardas (iniciais e finais) deste álbum. Nas guardas iniciais, os leitores são convidados a mergulhar, de imediato, numa enorme nuvem que as ocupa quase na sua totalidade; as guardas finais reiteram a mensagem final da história, na medida em que apresentam dois papagaios de papel a dançar nas nuvens, sem a menina, apontando para a valorização de partilhar o mundo com o Outro (aspeto particularmente vincado na narrativa, através da ilustração, como mostraremos adiante). Ao resguardarem o princípio e o fim do livro, como sublinha Consejo Pano (2011), as guardas são porto de abrigo para uma multiplicidade de formas de antecipação de sentidos a explorar com as crianças, no âmbito da pré-leitura e da pós-leitura, promovendo o cruzamento harmonioso da ativação de conhecimentos prévios com a verificação de previsões, por parte dos leitores.

A página de rosto também merece atenção por replicar o conjunto de casas que surge na capa, acrescentando-lhe alguns detalhes importantes: os leitores conseguem, desta feita, observar quatro casas (em vez das três



presentes na capa), o que aponta para o crescimento da comunidade, vincado ao longo da narrativa. A ausência da menina desperta, igualmente, a curiosidade, favorecendo um diálogo privilegiado no âmbito de práticas de leitura partilhada, sobretudo no que se refere à pré-leitura.

No seu blogue *arcoiris*, a autora deste álbum sublinha alguns aspetos que consideramos um ponto de partida relevante para o diálogo aberto entre as imagens e o texto, alvo da nossa atenção. No entender de Starkoff (2015), *Dançar nas nuvens* é um livro «(...) que reflexiona sobre la importancia del intercambio cultural y el respeto entre personas de diferentes procedências». Tal irá refletir-se, em nosso entender, nas tonalidades das ilustrações que se vão entretecendo no fio diegético, criando cumplicidades inesperadas com os leitores.

Nas primeiras páginas, a brevidade das sequências verbais permite conceder protagonismo visual à menina, ao mesmo tempo que é colocada em evidência a importância do seu sonho, vincado na primeira pessoa, na abertura da narrativa: «Todas as manhãs eu saía de casa para observar as nuvens. O meu sonho era um dia dançar com elas» (Starkoff, 2010). A amplificação e reforço do desejo da menina é muito bem conseguida através das ilustrações, já que esta surge primeiro, em grande plano, a olhar para o céu e, nas páginas seguintes, embora seja cedido o protagonismo à representação espacial (nomeadamente em página dupla), o olhar da menina continua a desafiar os leitores (desta feita pelo contraste estabelecido com o espaço de dimensões generosas em que se integra). A opção pelo domínio da cor verde, reforçando a força e a esperança da concretização do sonho, pequenos apontamentos como uma vaca cor de rosa a pastar ou morangos em forma de coração apelam à imaginação dos leitores, requerendo a sua atenção e a sua cumplicidade.

A representação do fluir do tempo está ancorada na seleção da paleta cromática em articulação com o texto, no qual se espelha de forma iterativa e sequencial. Assim, o contraste entre a noite e o dia é marcado pelo convite, repetido três vezes, em página dupla, a «mergulhar no azul» que se abre em distintas tonalidades, acompanhando a progressão da narrativa, também ela fazendo eco do movimento iterativo das ilustrações: «... acordei com uns ruídos. Era o Mateus, um vizinho novo que construía a sua casa debaixo da minha...»; «Na noite seguinte, acordei com outros ruídos. Era uma mulher que construía a sua casa debaixo da casa do Mateus, que ficava por baixo da minha casa»; «Na noite seguinte acordei



com outros ruídos. Era o Ulisses, um fabricante de papagaios. Construía a sua casa debaixo da casa da Teresa, que ficava por baixo da casa do Mateus, que ficava por baixo da minha casa». As sequências verbais apresentadas articulam-se, em pleno, com as imagens, já que, à medida que a narrativa avança, vão sendo acrescentados mais pormenores e/ou pequenos apontamentos que delicia os leitores, tais como o posicionamento distinto dos animais na página (nomeadamente uma vaca, um touro, algumas galinhas e um gato) e o número de habitações que cresce. Nos exemplos referidos destaca-se igualmente, por contraste, a menina à janela da sua casa, observando atentamente o que passa à sua volta, pequeno ponto de luz que em permanência ilumina o sonho, cativando o olhar do leitor.

Intercaladas neste este fluir temporal, surgem também, em página dupla ou ocupando uma página na íntegra, em tons vibrantes, os habitantes que se juntam à menina, acompanhando o crescimento do seu sonho, pois, «Sonhava e dançava, dançava e sonhava. Sem que desse conta, a minha aldeia começou a crescer». Mateus e os seus bongôs, Teresa, a cantora de *chamamé* e «muitos mais vizinhos» são retratados, de forma luminosa, em ilustrações de cores vivas, possibilitando a abertura de itinerários de entendimento da diversidade de culturas e promovendo o «(...) desenvolvimento de atitudes de respeito e compreensão face à diversidade» (Silva et al., 2016, p. 92), aspeto vincado nas *Orientações curriculares para a educação pré-escolar* e reiterado no recente *Referencial de educação para o desenvolvimento* (Torres et al., 2016), no âmbito do subtema «Diversidade cultural e visões do mundo».

À medida que a narrativa avança, a dimensão do crescimento da aldeia é amplamente acentuada pela voz conferida à ilustração, em página dupla, criando um todo contínuo, para realçar o contraste entre as casas (que se agigantam) e os seus habitantes, em tamanho mais pequeno, possibilitando atentar em pormenores do quotidiano como estender a roupa, regar as plantas ou passear o cão. A dificuldade da menina em conseguir sair de casa (tal é já o número crescido de habitações construídas debaixo da sua) é reforçada através da sequência verbal seguinte: «Como a minha casa tinha ficado muito alta, eu não podia sair. Felizmente o Ulisses ofereceu-me um presente e pude assim ir às compras». É apenas ao deambular pela ilustração que os leitores podem satisfazer a sua curiosidade no que respeita a tal presente, reparando na menina, a voar, saco de compras numa mão, papagaio de papel na outra.



Como sublinha Florindo (2012), o álbum narrativo apela a «(...) um novo tipo de leitor/ouvinte mais ativo no processo de leitura e na elaboração do sentido da história, o que estimula a sua capacidade de interpretação e imaginação» (Florindo, 2012, p. 20). Tal é proporcionado, também, através do modo como se processa o desenlace narrativo em *Dançar nas nuvens*, já que os leitores são convidados a partilhar a realização do sonho da menina, abraçando a nuvem que invade a página dupla, envolvendo a menina e amplificando a sequência verbal reduzida ao mínimo: «Senti-me feliz». O isolamento é, no entanto, apresentado, logo em seguida, de forma negativa, ocupando destaque central na página: «Mas lá em cima só se ouvia o vento. Não havia bongôs, nem chamamé, nem vizinhos» e reforçado, de novo, na página dupla seguinte: «Tanto silêncio deixou-me triste». Neste caso, a representação pictórica da menina, contrastando em tamanho com a nuvem que se agiganta, permite sublinhar fortemente a sua tristeza, acentuada no detalhe da expressão facial que a denuncia.

No final, o carácter sintético da sequência verbal - «Por isso decidi voltar» - faz sobressair, na página dupla, a alegria exuberante plasmada na ilustração, com recurso, redobrado, a cores vibrantes, selecionadas para retratar a menina e todos os seus vizinhos a dançar, a tocar vários instrumentos musicais ou a cantar, conjugando harmoniosamente a diversidade de culturas e a sua relevância equitativa (reforçando, pois, a importância do bem-estar e do cuidar em comum). Sonho e cuidado abraçam-se.

Como apanhar uma estrela

Como apanhar uma estrela (Jeffers, 2016a) narra a história de um rapaz que sonhava com o dia em que teria uma estrela só dele. Os leitores são, pois, convidados a acompanhar todas as tentativas do rapaz no intuito de apanhar uma estrela até ele conseguir, finalmente, cumprir o seu objetivo.

O carácter atrativo do título ganha relevância na capa e na contracapa do álbum, pelo destaque conferido às estrelas, quer na parte central da capa (nomeadamente no caso de uma estrela que se agiganta, dando abrigo ao rapaz e a um foguetão, indiciando o desafio implícito no desejo que o move), quer na contracapa, local selecionado para dar início à história - «Era uma vez um rapaz que gostava muito de estrelas...» - abrindo, desde logo, itinerários possíveis de exploração no que respeita ao momento da pré-leitura. O contraste entre o azul escuro da noite e a luminosidade das estrelas, reiterado nas primeiras páginas do álbum, antecipa a sua importância ao longo da narrativa.



Ao contrário das guardas do último e belíssimo álbum de Oliver Jeffers – *A child of books* (2016b) –, nas quais os leitores deambulam e podem antecipar, com particular gosto, os mundos que vão (re)descobrir nas páginas seguintes -, o seu álbum estreia não promove tal viagem de forma tão rica. No entanto, importa assinalar que embora as guardas iniciais e finais não tenham qualquer tipo de ilustração, a opção pelo azul turquesa, comumente associado ao mar, não foi aleatória, dado o desfecho da narrativa (é no mar que o rapaz vê refletida a estrela que conseguirá «apanhar», depois de várias e divertidas peripécias).

A página de rosto, por seu turno, ao apresentar uma estrela no canto superior direito e um foguetão no canto inferior esquerdo, favorecendo a verticalidade, contribui para alargar as hipóteses interpretativas no que respeita ao título da obra.

A ficha técnica, apresentada no final do álbum, também merece reparo. Como frisa Sotto Mayor (2016), apesar de ser utilizada para facultar informações que dizem respeito à edição, «(...) é cada vez mais comum a introdução de elementos ilustrados que, se começaram por servir apenas como decoração, hoje já contribuem para a construção de significados» (Sotto Mayor, 2016, p. 256). Neste caso em particular, não só é incluída uma dedicatória, podendo potenciar maior proximidade com os leitores, como também uma imagem do rapaz, sentado numa poltrona, muito sorridente, em companhia da estrela, partilhando, desta feita, a leitura do álbum «Como apanhar uma estrela» - leitor e personagem unem-se, pois, numa invulgar rede de afetos.

À semelhança de *Dançar nas nuvens* (Starkoff, 2010), a escolha da página simples ou da página dupla, enquanto telas de apoio fundamentais à compreensão do fio diegético, contribui para aproximar os leitores do protagonista da história. Assim, *Como apanhar uma estrela* (Jeffers, 2016a) inicia-se com uma página dupla que possibilita criar uma relação espacial muito bem conseguida entre a componente verbal e a visual: a imensidão do céu estrelado contrasta com a vulnerabilidade do rapaz que olha atentamente as estrelas, alimentando, de imediato, uma ligação cúmplice com os leitores. A repetição da sequência verbal já exibida na contracapa do álbum - «Era uma vez um rapaz que gostava muito de estrelas» - permite, também, retomar itinerários que possam ter sido promovidos na etapa da pré-leitura pelo(a) educador(a) ou pelo adulto mediador, entendidos como muito relevantes na literatura de



especialidade (Fajardo, 2014; Rechou, 2011).

A eleição da página simples para dar continuidade à história possibilita, numa primeira instância, em associação com a preferência pelo fundo branco, pôr em evidência a imagem do rapaz, de costas, à janela, a observar uma estrela, reforçando o destaque dado ao seu desejo, corroborado através da sequência verbal seguinte: «Todas as noites, o rapaz ia para a janela ver as estrelas e sonhava com o dia em que teria uma só dele». A ilustração que ocupa, na íntegra, a página simples subsequente, na qual o texto prima pela ausência, amplifica a representação temporal e alicerça a dimensão do sonho, surgindo, desta feita, o rapaz de frente, à janela, numa observação atenta de duas estrelas brancas que iluminam o azul escuro predominante na página, como que refletindo e refletindo-se na paleta de cores preferida para retratar o rapaz e a casa onde mora (com particular destaque para o branco e para o azul).

Os tons escuros das primeiras páginas dão lugar à luminosidade, assinalando a progressão da narrativa e contribuindo para instaurar um ritmo diferente de leitura. A alegria do rapaz, ao imaginar que poderia ter como amiga e companheira de brincadeiras uma estrela, é inferida pela seleção de tons quentes como o laranja e o amarelo, sendo de realçar, também, a mudança de cor da estrela, igualmente de contornos alaranjados.

A passagem da imaginação à ação, por parte do rapaz, é muito bem ilustrada pela associação da componente pictórica à verbal já que, o fundo branco da página que marca tal passagem, possibilita que sobressaia, na parte central, a imagem do rapaz a dar corda ao seu despertador, intercalando-se com uma sequência verbal que reforça a sua vontade de cumprir o sonho: «O rapaz decidiu que ia tentar apanhar uma estrela. Pensou que o melhor era acordar bem cedo, porque a estrela estaria cansada depois de uma noite inteira a brilhar no céu».

O momento da diegese que corresponde ao início da «espera» que uma estrela apareça, após o rapaz ter encetado a sua busca «assim que o sol nasceu», é marcado pela opção, na página simples, pela composição compartimentada que, aproximando-se das tiras de banda desenhada, permite a sequenciação de momentos, promovendo um ritmo de leitura mais lento – demora reforçada, ainda, pela sequência verbal «Esperou... e esperou» (intercalada no meio das duas tiras apresentadas). A mudança de expressão facial do rapaz contribui também para corroborar o fluir



temporal, ampliando a morosidade da espera, reforçada na página subsequente pelos gestos e pela expressão facial fechada do rapaz, em contraste com a luminosidade e com a leveza da paleta cromática selecionada (por exemplo, o verde claro e o azul turquesa).

Como sublinha Ramos (2011), importa pensar o álbum «(...) não como o resultado de uma soma de duas parcelas, texto e imagem, mas antes da sua multiplicação, depois de elevadas ao quadrado» (Ramos, 2011, p. 21). Tal interconexão e interdependência, contribuindo para a construção de múltiplos significados, sobressai profusamente nas tonalidades que o fio diegético adquire após o rapaz ter finalmente avistado a tão desejada estrela, de modo a que os leitores acompanhem, de forma divertida e, por vezes, inusitada, as tentativas e estratégias do rapaz para apanhar a estrela: saltando, trepando a uma árvore, pensando em prender a estrela com a boia do barco do pai, em voar no seu foguetão e em pedir ajuda a uma gaivota.

A dimensão narrativa das ilustrações ganha fôlego no âmbito de tais tentativas, possibilitando aos leitores realizar uma leitura inferencial proporcionada pelas imagens e corroborada/expandida através das sequências verbais que as acompanham. A tentativa do rapaz de prender a estrela com a boia do barco do pai, por exemplo, é narrada em duas páginas simples através das imagens, destacando-se, ora em fundo branco, ora em fundo azul turquesa, de forma a que sobressaiam as ações que leva a cabo. Sublinhe-se que a impossibilidade de usar a boia é mostrada aos leitores através do desequilíbrio do tamanho entre o rapaz e a boia, bem vincada na imagem, de forma a corroborar o seu peso e a amplificar a informação facultada através da sequência verbal seguinte: «Mas a boia era tão pesada que ele nem conseguia arrastá-la».

O conciliar inesperado de um momento de humor na narrativa é outro aspeto que importa realçar. A eleição por duas páginas simples que se completam e a preferência pela omissão de texto na primeira, associada a uma sequência verbal mais extensa na segunda, possibilita dar destaque a um estratagema, em particular, anunciado em alguns elementos paratextuais do álbum (por exemplo na capa e na página de rosto): tentar usar um foguetão para alcançar a tão desejada estrela. Ao protagonismo visual concedido ao foguetão, em página simples ocupada na íntegra e abrindo espaço a várias hipóteses interpretativas, sucede-se, na página subsequente, a explicitação, com humor, pela qual não será possível a sua utilização para alcançar a estrela: «Mas o foguetão tinha



ficado sem combustível na terça-feira, quando ele voou até à lua».

A cumplicidade e o afeto entre os leitores e o rapaz, gerados ao longo da narrativa, ampliam-se no segundo momento mais relevante da diegese, quando o rapaz encontra, a flutuar na água, a «(...) estrela mais bonita que já tinha visto» que julga ter caído do céu - em outro lugar Mésseder (2002) relembra que «À noite as estrelas/descem do céu/e vêm boiar no rio» (Mésseder, 2002). A proximidade com o rapaz é, desta feita, alcançada graças ao protagonismo visual que lhe é concedido, possibilitando destacar abertamente a sua expressão facial de encantamento e de espanto (transmitidos, de imediato, aos leitores) e contribuindo para gerar inusitada empatia.

A opção pela página dupla é particularmente eficaz para promover o cruzamento harmonioso do eixo temporal e espacial, ditando um ritmo de leitura apropriado para que a atenção dos leitores se centre nas duas ações subsequentes do rapaz: tentar «pescar» a estrela com as mãos (sem sucesso) e esperar que a maré a leve até à beira-mar. No primeiro caso, a amplitude conferida na imagem ao pontão (no qual o rapaz se debruça para apanhar a estrela) possibilita aos leitores vivenciar, de perto, o esforço do rapaz; adicionalmente, a representação espacial favorece o contraste, corroborado ao longo da narrativa, com a sua fragilidade, inferindo-se a dificuldade que tem entre mãos. No segundo caso, a economia verbal do texto, associada à estrutura iterativa que marca o compasso de espera pela estrela - «Então esperou e andou...» / «...olhou e esperou» -, possibilita reforçar o silêncio acolhido na ilustração, destacando-se a imensidão do mar azul-turquesa cujas ondas acariciam a areia dourada, resguardados pelo olhar do rapaz (que se fixa, também, nos leitores, interpelando-os).

O desenlace da narrativa, protagonizado pelo aparecimento da estrela à beira-mar, é marcado pela reinvenção do espaço (a praia), invadido pela luminosidade promovida pela seleção dos tons dourado e laranja (sobressaindo, igualmente, na estrela) à qual se associa o sorriso aberto e contagiante do rapaz, tornando desnecessária a sequência verbal para reiterar as emoções que se entrecem na ilustração, numa bonita partilha do deslumbramento vivenciado.

Na página dupla final, o carácter inacabado de *Como apanhar uma estrela* (Jeffers, 2016a) abre, ainda, espaço à multiplicação de afetos e de sonhos: o rapaz e a estrela passeiam à beira-mar, sendo singelamente referido



que «O rapaz tinha apanhado uma estrela. Uma estrela que era só dele», incitando a natural curiosidade dos leitores e conduzindo-os até onde a imaginação os puder levar. «For imagination is free» (Jeffers, 2016b).

CONCLUSÕES:

O percurso realizado permitiu-nos inferir que os álbuns analisados, conciliando texto e ilustração de forma invulgarmente bela, apoiam o crescimento de itinerários de leitura diversificados, possibilitando aos profissionais da Educação e às famílias fomentar o prazer de ler.

A temática dos álbuns, em articulação com os seus elementos paratextuais, apela à redefinição das etapas da pré-leitura, da leitura e da pós-leitura, desde que devidamente planificadas e norteadas pelo objetivo da criação de elos felizes entre os leitores e os (novos) mundos que poderá (re)descobrir. Sempre alicerçados na partilha e no cuidado.

Pela seleção primorosa das ilustrações, que estabelecem um diálogo vivo com o texto, estes álbuns podem também favorecer a edificação do apuramento estético dos leitores, preciosa mais valia no âmbito da consolidação de práticas de literacia emergente pautadas por maior riqueza e diversidade. E pelo(s) sonho(s). «Pois de igual somos feitos, / nós e os sonhos. / De uma mesma matéria» (Amaral, 2011, p. 13).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Amaral, A. L. (2011). *A tempestade*. Ilustrações de Marta Madureira. Vila do Conde: Booklândia.
- Baird, A., Laugharne, J., Maagerø, E. & Tønnessen, E. S. (2016). Child readers and the worlds of the picture book. *Children's literature in education*, 47, 1-17. Doi:10.13189/ujer.2015.031113
- Consejo Pano, E. (2011). Peritextos del siglo XXI. Las guardas en el discurso literario infantil. *Ocnos*, 7, 111-122.
- Chou, M-J. & Cheng, J-C. (2015). Parent-child aesthetic shared reading with young children. *Universal Journal of Educational Research*, 3 (11), 871-876.
- Enéas, L & Azevedo, F. (2014). Alteridade, valores e infância. In F. Azevedo, A. F. Araújo & J. M. Araújo (Orgs.). *Formação, memória e identidade. Cruzando a literatura e a educação*. (pp. 75-90). Raleigh: Lulu.
- Fajardo, D. M. (2014). El potencial didáctico del libro-álbum para la educación literaria-intercultural. *Educar em Revista*, 52, 45-68. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n52/04.pdf>



- Florindo, C. E. F. O. (2012). *O álbum narrativo de potencial recepção infantil: uma nova forma de edição*. Dissertação de mestrado (não publicada). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/7752>
- Genette, G. (1987). *Seuils*. Paris: Seuil.
- Ibarra-Rius, N. & Ballester-Roca, J. (2016). Booktrailer en educación Infantil y primaria: adquisición y desarrollo de las competencias comunicativa, digital y literaria a través de narrativas digitales. *Digital Education Review*, 30, 76-93. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/oaiart?codigo=5772443>
- Jeffers, O. (2016a). *Como apanhar uma estrela*, 2.^a ed. Tradução de Rui Lopes. Lisboa: Orfeu Negro (Trabalho original publicado em 2004).
- _____. (2016b). *A child of books*. Illustrated by Sam Winston. London: Walker Books.
- Júdice, N. (2008). *O breve sentimento do eterno*. Lisboa: Edições Nelson de Matos.
- Mésseder, J. P. (2002). *À noite as estrelas descem do céu*. Ilustrações de Emílio Remelhe. Porto: Campo das Letras.
- Nikolajeva, M. (2010). Interpretative codes and implied readers of children's picturebooks. In T. Colomer, B. Kümmmerling-Meibauer e C. Silva-Díaz (Eds.), *New directions in picturebook research* (pp. 27-40). New-York: Routledge.
- Pereira, I. (2016). «Eu também posso ser ilustrador». Contributos do projeto curricular integrado no desenvolvimento de múltiplas linguagens no jardim de infância. In F. I. Ferreira, C. I. Anjos, A. A. Duarte, E. Fernandes, N. H. R. Franco, S. E. Santos e T. Sarmiento (Orgs.). *Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de Educação de Infância. Investigação, formação docente e culturas da infância* (pp.161-169). Braga: Universidade do Minho.
- Pereira, A., Melão, D. & Balula, J. P. (2016). Literatura para a infância e espaços educativos: a exploração didática do álbum narrativo no âmbito da Educação Pré-Escolar. *Livro de Resumos do Encontro Imaginários Iluminados. Era uma vez...a literatura para a infância em português*, p. 18. Viseu: Escola Superior de Educação de Viseu. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.19/3360>
- Ramos, A. M. (2011). Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In B.-A. R. Rechou, I. S. López & M. N. Rodríguez (Coord.), *O álbum na literatura infantil e xuvenil 2000-2010* (pp. 13-42). Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Rechou, B.-A. R. (2011). Un álbum literário para nenos sobre personaxes sem idade: Avós, de Chema Eras e Rosa Osuna. In B.-A. R. Rechou,



- I. S. López & M. N. Rodríguez (Coord.), *O álbum na literatura infantil e xuvenil 2000-2010* (pp. 177-188). Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Rodrigues, C. M. F. C. R. (2013). *Palavras e imagens de mãos dadas: a arquitetura do álbum narrativo em Manuela Bacelar*. Tese de doutoramento (não publicada). Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/10586>
- Rodrigues, N. J. B. (2012). *Álbum narrativo: que possibilidades de leitura? Com que leitores?* Relatório de estágio. Mestrado em educação pré-escolar e ensino do 1.º ciclo do ensino básico. Braga: Universidade do Minho.
- Silva, I. L., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016a). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- _____ (2016b). Orientações curriculares para a educação pré-escolar: do passado ao presente, desafios para o futuro. *Cadernos de Educação de Infância*, 108-109, 4-14.
- Sotto Mayor, G. (2016). *Ilustração de livros de LIJ em Portugal na primeira década do século XXI*. Porto: Tropelias & Companhia.
- Starkoff, V. (14 de maio de 2015). *Desenhando a nossa vida* [arcoiris]. Disponível em <http://vanina-starkoff.blogspot.pt/2015/05/desenhando-nossa-vida.html>
- _____ (2010). *Dançar nas nuvens*. Tradução de A. M. Noronha. Matosinhos: Kalandraka.
- Torres, A. et al. (2016). *Referencial de educação para o desenvolvimento. Educação pré-escolar, ensino básico e ensino secundário*. Lisboa: Ministério da Educação.

Práticas de letramento: apropriação da leitura e da escrita por idosas da eja

Leidinalva Amorim Santana das Mercês y Kátia Maria Santos Mota. Universidade do Estado da Bahia (BRASIL)

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de Letramento. Idosas da EJA. Abordagem (Auto)Biográfica.

RESUMO:

Essa comunicação oral foi aceita no VI Fórum Iberoamericano sobre